

Resumo

Este estudo tem por base três objectivos que se interligam. O primeiro passa por tentar perceber se os toxicodependentes se diferenciam da população em geral ao nível das características de personalidade, o segundo objectivo pretende integrar os fenómenos da criminalidade e da toxicodependência, procurando estabelecer tipologias entre os toxicodependentes que fazem parte deste estudo. e o terceiro objectivo centra-se na tentativa de perceber, com base nas tipologias estabelecidas, se estas se diferenciam ao nível das características de personalidade. Para alcançar estes objectivos foi utilizada uma amostra constituída por 50 indivíduos toxicodependentes em tratamento na Equipa de Tratamento de Gondomar. Os instrumentos utilizados foram um questionário construído para o efeito e o NEO PI-R. Os resultados sugerem que existem diferenças significativas entre os toxicodependentes e a população em geral ao nível das características de personalidade e que é possível estabelecer tipologias baseadas na droga e no crime entre os toxicodependentes que fazem parte desta amostra, mas ao nível da personalidade, as diferenças verificadas são muito reduzidas.

Palavras-chave: Toxicodependência; Criminalidade; Tipologias; Personalidade.

Abstract

This study is based on three objectives there are mutually. The first is to try to understand whether the drug differ from the general population in terms of personality traits, the second seeks to integrate the phenomena of crime and drug seeking to establish typologies of drug abusers who are part of this study and the third objective focuses on the attempt to understand based on established typologies if they differ in terms of personality traits. To achieve these objectives we used a sample of 50 individuals addicts on treatment at the Treatment Team of Gondomar. The instruments used were a questionnaire constructed for this purpose and the NEO PI-R. The results suggest that there are significant differences between addicts and the general population in terms of personality traits and it is possible to establish the typologies based on drug and crime among drug addicts who are part of this sample but at the level of personality, the differences are very small.

Key Words: Addiction; Crime; Typologies; Personality.

1. Introdução

Este estudo pretende investigar a relação dos fenómenos droga e crime, bem como a diferenciação de características de personalidade dos toxicodependentes tendo em conta perfis diferenciais de implicação criminal. A maior parte das investigações feitas neste sentido utilizam populações reclusas. No estudo presente, a amostra irá ser constituída por indivíduos toxicodependentes, todos eles em tratamento.

É neste encadeamento que o trabalho se irá desenvolver, sendo pertinente falar sobre as explicações da relação droga-crime. Com efeito, das explicações causais do comportamento criminal às explicações processuais, encontram-se os deslocamentos que a reflexão criminológica teve de fazer para que os conceitos de desviância, de comportamento desviante e de processo ou trajectória desviante pudessem admitir-se como conceitos alternativos às noções de delinquência e doença, que tendem a dominar a explicação da relação droga- crime.

O ponto seguinte irá dar conta da diferenciação de características de personalidade entre os toxicodependentes e a população em geral e da diferenciação de características de personalidade dos toxicodependentes tendo em conta perfis diferenciais de implicação criminal.

Feito este enquadramento teórico, segue-se a definição dos objectivos e o levantamento das hipóteses que se pretendem investigar.

A parte empírica deste estudo é composta pela descrição dos métodos (amostra, procedimentos e instrumentos), pela apresentação dos resultados, pela discussão e conclusão dos mesmos.

1.1. Explicações da relação Droga - Crime

Qualquer tentativa de formular uma definição acerca do fenómeno criminalidade e da sua relação com a droga é, naturalmente, redutora. Contudo, esta definição torna-se essencial para avaliar a dimensão, os padrões e as tendências deste fenómeno.

De uma forma geral, os estudos que giram em torno destes dois fenómenos evoluíram de formas elementares para formas mais complexas. As explicações causais é exemplo de uma explicação mais simples (prevê relações directas entre dois fenómenos). No entanto, se repararmos, poucos serão os fenómenos que estão ligados de maneira estritamente causal. Assim, a explicação mais complexa procura, por si só, modelos de explicação mais profundos, como por exemplo, as estruturas que se encontram subjacentes ao fenómeno em estudo e o seu funcionamento (Agra, 2008).

Das explicações mais elementares fazem parte as explicações causal, como já referido, a estrutural e a processual.

Para as **explicações causais**, a formulação mais usual é a de que a droga causa o crime. São elaborados, por Paul Goldstein's (1985, cit in, MacCoun, Kilmer & Reuter, 2003), três modelos e mais tarde, um quarto modelo para sustentar tal afirmação.

O primeiro, designado de Modelo Psicofarmacológico, baseia-se na possibilidade de que o consumo excessivo de uma substância psicoactiva pode dar origem a agressões e violência, ou seja, a causa da modificação do comportamento residiria na própria substância psicoactiva (Agra, 1997). O efeito das drogas pode levar a sintomas como a excitabilidade, a irritabilidade, o medo/paranóia, as distorções cognitivas, entre outros.

Existem drogas mais susceptíveis de levar a comportamentos transgressivos, como é o caso do álcool, uma droga lícita. Assim, a embriaguez etílica pode induzir a crimes violentos. A violência é rara e é principalmente atribuível ao álcool, mais que às drogas ilícitas.

As drogas estimulantes, como é o caso da cocaína e das anfetaminas, também podem contribuir para o surgimento de comportamentos agressivos.

Já o consumo de opiáceos e de haxixe são pouco susceptíveis para a prática de comportamentos violentos, uma vez que são drogas que tendem a diminuir o grau de agressividade. No entanto, é importante referir que a síndrome de abstinência a elas associado poderá levar a um aumento da violência.

Assim, os crimes psicofarmacológicos passam, sobretudo, pela agressão

Contudo, apesar da acção das drogas em si, é preciso ter em conta os factores pessoais e do meio ambiente que rodeiam o indivíduo que consome estas drogas. É possível que nenhuma droga, isolada dos factores psicológicos e situacionais, seja suficientemente poderosa para provocar, por si só, agressividade. Mas, como já foi referido, algumas drogas podem amplificar os facilitadores psicológicos e situacionais da agressão (MacCoun, Kilmer & Reuter, 2003) Esta será, então, uma das críticas que se pode fazer a este modelo uma vez que, apesar de ser bem conhecida a farmacologia das drogas, não se sabem quais serão os mecanismos específicos que incidem directamente sobre o comportamento e, mais concretamente, sobre o comportamento agressivo. Assim, não é possível afirmar que qualquer substância psicoactiva tem propriedades «criminogénicas» universais (Carpentier, 2007)

O segundo, designado de Modelo Económico-Compulsivo aponta como causa a falta de droga para o indivíduo manter a sua dependência (Agra, 1997).

Assim, a dependência a uma substância é o factor chave para compreender o recurso a infracções penais, uma vez que, na falta de droga, os dependentes precisam de dinheiro para financiar a sua dependência.

Os crimes podem variar entre «delitos consensuais», como a venda de droga e «crimes contra a propriedade», como é o caso dos roubos e furtos. A falsificação de receitas médicas também pode ser mais um dos comportamentos desviantes utilizado por consumidores. A prostituição também aparece aqui como sendo uma forma de arranjar dinheiro para os consumos (Carpentier, 2007).

É claro que, de entre estes comportamentos (roubo, furto, agressão, fraude, prostituição), também é preciso ter em conta as características de personalidade do indivíduo que os pratica e o tipo de drogas que consome. Por exemplo, a fraude requer um ambiente específico e mais minucioso.

No entanto, este modelo não pode ser aplicado a todos os dependentes de substâncias, uma vez que nem todos recorrem a crimes económicos para manter os consumos. Recorrem, sim, a outras estratégias, como a exploração de novos rendimentos, a redução nas despesas, o recurso a benefícios sociais, entre outras.

O terceiro modelo, designado de Modelo Sistémico, refere-se, não ao consumo de drogas em si, mas sim aos actos violentos cometidos nos mercados de tráfico de drogas. Assim, a violência e a agressão são utilizadas como estratégias de controlo para diferentes situações (p.e., disputas comerciais de território, cobrança de dívidas, etc).

A violência sistémica é consequência da proibição existente, uma vez que é causada pelo mercado ilegal de drogas e quem participa nestas actividades não pode recorrer ao direito comercial normal. Segundo o Carpentier (2007), grande parte dos crimes relacionados com a droga, principalmente a criminalidade violenta, é resultante das forças do mercado. Estas forças visam manter as normatividades e disciplina das redes.

Segundo Agra (1997), “ as zonas de conflito e os comportamentos violentos associados situam-se a três níveis: entre um membro da rede e um indivíduo exterior (p.e., punições por não pagamento ou por venda de droga de má qualidade), no interior da rede (eliminação de informantes, reforços da disciplina, etc) e conflitos inter-rede (p.e., disputas comerciais de territórios) ”. Este autor refere, ainda que, a violência que está directamente relacionada com a droga, deve ser procurada, fundamentalmente, na criminalidade sistémica.

Contudo, esta criminalidade sistémica deverá ser entendida como estando integrada num ciclo, do qual fazem parte as alterações da procura e oferta de droga, a rentabilidade do “negócio” e as normas comunitárias relativas à aceitação ou à rejeição dos comportamentos violentos (Carpentier, 2007).

O quarto modelo, surge pela constatação, por parte de Goldstein (1985, cit in, MacCoun, Kilmer & Reuter, 2003) de que não existiam modelos relacionais, mas sim, unidimensionais e que estes modelos explicavam apenas

uma parte da criminalidade associada à droga. Assim, consciente desta lacuna, procura compreender melhor esta relação complexa entre a droga e a criminalidade. Para tal, reagrupou os três modelos anteriormente referidos, num só, denominando-o de Modelo Tripartido.

Estes três modelos podem relacionar-se em diferentes momentos de uma mesma situação, como refere o exemplo dado por Goldstein (1985, cit in, Agra, 1997) “um consumidor de heroína prepara-se para cometer um furto, tendo em vista a sua próxima dose (económico-compulsivo). Para ganhar coragem para cometer o delito ingere álcool (psicofarmacológico), depois, ao procurar a vítima, escolhe um pequeno “dealer” que lhe vendeu um produto de má qualidade na última aquisição que lhe fez (sistémico).

Os estudos realizados com base neste modelo (Goldstein et al., 1992; Goldstein et al., 1989, cit in, Brochu, 1995) indicam que a grande maioria dos homicídios relacionados com a droga são do sistema de distribuição e de fornecimento. Se se excluir o álcool da lista de substâncias psicoactivas, torna-se claro que os níveis de evidência psicofarmacológica revelam-se raros. Este estudo também destaca o facto de que o crime económico-compulsivo raramente resulta em brutalidade mortal, mas reflecte-se mais pelos assaltos à mão armada.

Este esforço de integração é, certamente, meritório. Permitiu que se ganhasse consciência da complexidade da relação em estudo. No entanto, a junção dos três modelos não fornece um modelo integrativo. Do ponto de vista de Brochu (1995), este modelo torna-se importante para continuar a reflexão na direcção proposta por Goldstein, analisando mais pormenorizadamente, analisando cada componente em causa, a fim de propor um melhor modelo que tenha em conta as diferenças individuais e de evolução da pessoa.

Brochu (1995) e Agra (2008), para além de fazerem referência a estes quatro modelos, descrevem ainda um outro modelo, o Modelo Causal Invertido. Pois, em oposição ao que se afirma nos modelos anteriores, há ainda os que acreditam que é a implicação num estilo de vida desviante que favorece o consumo de substâncias psicoactivas.

Muitos jovens delinquentes comemoram os seus sucessos nos actos delinquentes consumindo drogas. E isto acontece também para alguns consumidores de heroína uma vez que a sua dependência surge, em grande parte, pela aquisição de rendimentos através do crime. Collins, Hubbard & Rachal (1985, cit in, Brochu, 1995) concluíram que o dinheiro conseguido através da criminalidade, constitui-se como um melhor preditor para o consumo de drogas, que o inverso.

Contudo, o papel criminógeno não fica por aqui. A existência de mais dinheiro que advém da criminalidade e um estilo de vida delinquential, fornecem os contactos necessários para a aquisição de drogas ilícitas, que levará ao consumo das mesmas.

Em apoio a este modelo, os pesquisadores normalmente citam estudos mostrando que a delinquência precede o consumo de drogas e que a participação criminal da pessoa que consome, não acaba nos períodos de dependência (Brochu, 1995).

Passando agora para **explicação estrutural**, esta surge pela simplicidade e reducionismo da explicação causal, uma vez que se limita ao comportamento manifesto. Assim, segundo a explicação estrutural, a relação droga-crime é associada à existência de um factor comum, tanto a um comportamento, como ao outro.

Esta explicação leva, então, esta relação a um nível mais profundo, relacionando o funcionamento do próprio sujeito e dos contextos em que está inserido.

A teoria da “síndrome da desviância”, teoria desenvolvida pela explicação estrutural, admite que existe um estado latente de desviância, que faz com que surjam comportamentos manifestos, como por exemplo, o consumo de drogas e a prática de comportamentos transgressivos, ou seja, existiria um fundo comum à droga e ao crime que seria explicado por essa desviância (Agra, 2008).

Por fim, a **explicação processual**, mesmo que ainda baseada em dados empíricos, associa o tempo ou a história na relação droga-crime. Assim, esta relação poderá ser diferente de indivíduo para indivíduo, tendo em conta a

sua biografia. Aqui, surgem os tipos de carreira ou estilos de vida. A relação droga-crime, nesta explicação, não pode ser estabelecida através das técnicas de inquérito, considerando-as muito limitadas para o efeito pretendido.

Esta relação faria sentido quando associada à história de “carreira desviante” ou ao estilo de vida dos sujeitos que consomem e praticam actos ilícitos. As metodologias mais utilizadas são as técnicas biográficas e etnometodológicas (Agra, 2008).

Faz, então, sentido falar das trajectórias desviantes, mas antes irão ser feitas algumas críticas às três explicações.

Fazendo um plano de análise entre os modelos elementares e os modelos mais complexos, verifica-se uma grande diferença, uma vez que os modelos mais simples se limitam à relação directa e explícita entre os dois fenómenos e as explicações mais complexas, de cariz científico, centram-se no conceito de sistema operando vários níveis de análise em simultâneo, analisando as estruturas e funcionamentos subjacentes dos fenómenos (estrutural) e analisando as mudanças de estado de um fenómeno no tempo (processual).

Pois, se analisarmos cada modelo individualmente, tornam-se evidentes as limitações de cada um deles. Assim, a explicação causal, ao estabelecer uma causa directa entre os dois fenómenos, é incapaz de reconhecer outras variáveis que os possam influenciar como as características do indivíduo, os contextos eco-sociais, etc.

Já para a explicação estrutural, e ao contrário da primeira, procura uma análise mais profunda, uma vez que não suprime os factores individuais. No entanto, reduz a explicação a um único factor geral, assumindo um factor comum ao comportamento droga e ao comportamento crime, não dando conta das trajectórias biográficas.

Por fim, a explicação processual, dá conta da diversidade de trajectórias, uma vez que gira em torno das flutuações temporais dos indivíduos, mas, ao mesmo tempo, corta o acesso às explicações causais, mais simples, de índole biopsicossocial.

Contudo e apesar de todos os esforços, é a explicação causal que predomina nas tentativas de explicação da relação droga-crime.

1.1.1. Trajectórias desviantes

Os comportamentos droga e crime assumem diferentes significados, quando contextualizados em diferentes trajectórias existenciais.

Segundo o estudo de Agra e Matos (1997), diferenciam-se, preferencialmente, três tipos de grupos: o grupo I ou dos Delinquentes/Toxicodependentes, o grupo II ou dos Especialistas da Droga-Crime e o grupo III ou dos Toxicodependentes/Delinquentes. Faziam parte deste estudo 100 indivíduos reclusos, não primários, toxicodependentes, com mais de cinco anos de consumo de estupefacientes e sem patologia do foro psíquico.

O grupo I ou dos Delinquentes/Toxicodependentes é o grupo maioritário. Os sujeitos que fazem parte deste grupo possuem uma frágil vinculação social. Os agregados familiares são numerosos (mais de seis elementos). O ambiente familiar é perturbador, existindo problemas de ordem relacional (alcoolismo do(s) progenitor(es)) e com frequentes alterações estruturais (separações, divórcios, etc).

Estes sujeitos, normalmente, separam-se da família de origem por volta dos 16 anos e os novos agregados constituídos são instáveis e pouco duradouros.

O percurso escolar mostra-se pouco regular, surgindo o abandono escolar, geralmente, após a conclusão do 1º ciclo. A partir deste momento, é iniciado o percurso laboral em actividades não qualificadas na área da construção civil.

Relativamente à actividade desviante, esta começa a verificar-se no absentismo escolar e em comportamentos pré-delinquentes, como por exemplo, a vadiagem, os pequenos furtos. Esta actividade vai evoluindo em volta de crimes como o roubo/furto. É de notar que também quase metade destes indivíduos, cometeram crimes relacionados com drogas, como é o caso

do tráfico de drogas. Estes crimes surgem quando iniciados os consumos de drogas duras.

Quanto aos contactos com drogas, este surgem antes dos 16 anos, falamos aqui em drogas leves. O consumo de drogas duras é iniciado antes dos 19 anos.

Quase metade deste grupo nunca foi submetida a qualquer tipo de programa de desintoxicação.

O grupo II ou dos Especialistas da Droga-Crime, surge em contraste quer com o grupo I (mais especializado na delinquência do que no crime), quer com o grupo III que irá ser descrito mais à frente (mais especializados na droga do que no crime).

Assim, este grupo II caracteriza-se por ser especialista quer na droga, quer no crime e ocupa cerca de um quarto dos indivíduos que fizeram parte deste estudo.

Este grupo provém de famílias também elas, numerosas, embora mais estruturadas que no grupo anterior. A ruptura com a família de origem surge depois dos 17 anos, sendo que este grupo, ao constituir família, tem tendência em mantê-la durante um período de tempo mais longo.

Relativamente ao percurso escolar, este é regular em cerca de metade dos sujeitos que fazem parte deste grupo, na restante metade registam-se o absentismo escolar e as reprovações. A maioria consegue concluir o 1º ou o 2º ciclos.

O percurso laboral inicia-se por volta dos 14 anos, em seguimento do abandono escolar, em actividades não qualificadas, como a construção civil e a indústria hoteleira.

Os primeiros contactos com drogas leves surgem por volta dos 14 anos e o consumo de drogas duras emerge, em média, aos 21 anos.

Alguns destes sujeitos recorrem a programas de desintoxicação. Assim, a primeira desintoxicação ocorre em regime ambulatorio, outras em contexto prisional e em regime de internamento, sendo esta última pouco frequente. O número de desintoxicações pode variar entre uma, duas ou mesmo três.

Quanto à actividade delinvente, o seu início ocorre entre os 17 e os 19 anos, onde o furto ou roubo são os mais cometidos. No entanto, verifica-se, desde já, uma vertente direccionada para o tráfico de drogas.

A intervenção feita pelas instâncias formais de controlo surge antes dos 24 anos.

Por fim, o grupo III ou dos Toxicodependentes/Delinquentes é constituído por sujeitos que provêm de famílias menos numerosas, onde o nível sócio-económico e estrutural da família são mais regulares. Assim, existe uma forte vinculação à família de origem e, por isso mesmo, permanecem até à constituição de uma nova família.

O percurso escolar vai até aos 15/16 anos e, cerca de metade, completa o 2º ou 3º ciclos com êxito.

Em paralelo com os grupos anteriores, o percurso laboral é iniciado logo após a ruptura com a escola, em áreas não qualificadas como a indústria hoteleira e o comércio. É por volta dos 20 anos, que o percurso laboral começa a oscilar, aparecendo algumas irregularidades de desempenho.

Entre os 14 e os 16 anos, surgem os primeiros contactos com drogas leves e, antes dos 19, é iniciado o consumo de drogas duras.

Mais de metade dos sujeitos que fizeram parte deste grupo realizaram, em média, três ou mais desintoxicações. Sendo que, a maioria, efectuou estas desintoxicações através da clínica, ou seja, em regime de internamento. Posteriormente, regista-se a intervenção das instâncias formais através de penas não privativas de liberdade ou penas leves de prisão.

Relativamente à actividade criminal, esta é desenhada por uma sequência de roubos/furtos que se vão intensificando para além do contexto familiar. A forte dependência das drogas faz com que pratiquem, também, o pequeno tráfico, sendo que este é o modo privilegiado de acção deste grupo.

1.2. Personalidade e toxicodependência

Dadas as várias investigações feitas ao nível da personalidade do toxicodependente, não existe uma definição concreta e assertiva que favoreça este estilo de vida. No entanto, existem alguns traços que podem indicar esta opção de vida.

Segundo Neto & Torres (2001, cit in, Janeiro & Metelo, 2004), é possível encontrar combinadas, de um modo variável, características neuróticas, anti-sociais, alexitímicas e défices afectivos associados a uma educação permissiva, nesta população. Por sua vez, de acordo com Páges-Berthier (2002, cit in, Janeiro & Metelo, 2004), observam-se, na prática clínica, algumas características como por exemplo, depressibilidade do humor, falhas ao nível da estruturação da identificação e tendência para a passagem ao acto.

Lavelle, Hammersley e Forsyth (1991, cit in, Janeiro & Metelo, 2004) realizaram um estudo comparativo entre três grupos – a) toxicodependentes em tratamento, b) jovens residentes de uma comunidade para sem-abrigo, e c) estudantes – com o objectivo de discriminar os factores de personalidade que dependem de variáveis como a institucionalização, as características sócio-demográficas, do consumo de drogas ou do seu tratamento, e chegaram à conclusão que os toxicodependentes em tratamento apresentavam maior tendência para procurar estímulos ou experiências de excitação, eram mais ansiosos e eram mais perspicazes em relação ao modo de estar no espaço urbano, sendo estas características quer função do tratamento, quer do uso de drogas.

Os mesmos autores referem que, associados ao consumo de drogas, aparecem frequentemente citados dois perfis distintos de personalidade: 1 – caracterizado pelo neuroticismo, envolve depressão, baixa auto-estima, *locus* de controlo externo, ansiedade e outras facetas que contribuem para nomear uma constelação de sentimento de infelicidade e de auto-desvalorização; 2 – designado por personalidade anti-social, este perfil agrega características como ausência de adesão às regras e instituições convencionais, *acting-out*, hostilidade, violação dos direitos dos outros e história de delinquência. Num

estudo realizado com adolescentes consumidores de drogas verificaram que o consumo de substâncias não determina uma “personalidade aditiva”, sendo que o consumo de drogas é apenas uma faceta do comportamento que co-ocorre e evolui com a personalidade.

O consumo e a dependência de substâncias surge quando o consumidor percebe que os efeitos das mesmas podem ser utilizados para lidar com sentimentos perturbadores que derivam de um ego frágil e de um *self* vulnerável. Deste modo, a dependência é concebida como uma desordem de auto-regulação que envolve a gestão dos afectos, a auto-estima, as relações e a capacidade de cuidar de si mesmo, através do qual o indivíduo aprende a lidar com as suas fragilidades.

Sob o ponto de vista da psicopatologia, Wallen e Weiner (1995, cit in, Janeiro & Metelo, 2004) estimam que 5% a 10% dos toxicodependentes sofrem de uma desordem psiquiátrica *major*, como por exemplo, a esquizofrenia, enquanto que 25% a 35% dos toxicodependentes poderá associar-se também uma perturbação da personalidade.

Beeder e Millman (1995, cit in, Janeiro & Metelo, 2004) defendem, por outro lado, que a incidência de psicopatologia na população toxicodependente em tratamento não é maior do que a verificada na população em geral. Segundo estes autores, muitas vezes acontece a sobrevalorização de sintomas que conduzem a um diagnóstico informado no decorrer do tratamento.

Para uma melhor compreensão da personalidade existem diferentes instrumentos que podem ser utilizados. Todos estes instrumentos são consistentes com o Modelo dos cinco factores. Assim, independentemente da teoria em que os autores se baseiam para desenvolver um instrumento que avalia a personalidade, as análises factoriais desses instrumentos são congruentes com o modelo dos cinco factores (McCrae & Costa, 1989; Digman, 1990; McAdams, 1992; Briggs, 1992; McCrae & John, 1992; Ozer & Reise, 1994, cit in, Hutz et al., 1998).

O modelo dos Cinco Factores surge de uma versão moderna da Teoria do Traço representando, assim, um avanço conceptual e empírico no estudo da

personalidade. Estes cinco factores não foram desenvolvidos com a finalidade de construir instrumentos que os identificassem. Aliás, os principais questionários utilizados para a avaliação da personalidade (como é o caso do 16 PF, do MMPI, da escala de Necessidades de Murray, entre outros) quando submetidos a análises factoriais, produzem soluções compatíveis com este modelo.

A melhor estratégia para identificar os factores que, de algum modo, permitem perceber as características de personalidade passa pelo uso de descritores de traços, geralmente adjectivos, da linguagem natural. Uma vez que Goldberg (1982, cit in, Hutz et al., 1998) refere que se uma característica for evidente ao ponto de se encontrarem diferenças socialmente relevantes, as pessoas vão reparar nessa característica.

A questão que aqui se coloca é sobre a universalidade de um sistema que se baseia na linguagem. Assim, estas questões não deverão ser as mesmas em todas as culturas. Buss (1991, cit in, Hutz et al., 1998) refere que este modelo representa dimensões importantes do terreno social onde os indivíduos estão inseridos. Estas afirmações, se consideradas verdadeiras, explicam porque é que os cinco factores devem ser replicados para todas as culturas.

Sendo o NEO PI-R um instrumento que avalia as características de personalidade, vai então medir os factores descritos pelo Modelo dos Cinco Factores. Os cinco factores são: neuroticismo, extroversão, abertura à experiência, amabilidade e conscienciosidade. Este instrumento irá ser alvo de uma análise mais aprofundada na descrição dos instrumentos utilizados nesta investigação.

Cingindo-nos mais para o fenómeno da toxicoddependência, existem estudos com populações toxicoddependentes que utilizam este mesmo instrumento na tentativa de chegar a um perfil toxicomaníaco

Assim, num estudo descritivo, onde foi utilizado o NEO PI-R como instrumento de avaliação, (Piedmont & Ciarrocchi; Brooner, et al., 1998, cit in, Janeiro & Metelo, 2004), cuja amostra era constituída por 132 toxicoddependentes, avaliados à entrada de um programa de tratamento

intensivo em regime de ambulatório, verificou-se que existe um perfil característico dos toxicodependentes descrito por um elevado neuroticismo e uma baixa pontuação nos domínios amabilidade e conscienciosidade. Os indivíduos descritos pelo referido estudo apresentam de acordo com Piedmont (1998, cit in, Janeiro & Metelo, 2004), as seguintes características: uma fachada defensiva de superioridade, a possibilidade de utilizarem mecanismos de defesa tais como o acting-out e a projecção, um nível marginal de satisfação pela vida e uma maior sensibilidade aos problemas comuns do dia-a-dia, a preferência por um estilo interpessoal descrito como frio, não afectuoso, dominante e especialmente arrogante e calculista. Este perfil aproxima-se das perturbações borderline da personalidade, motivo pelo qual estes indivíduos podem ser cépticos e antagonistas no tratamento e relutantes em estabelecer uma aliança terapêutica.

Um estudo realizado por McCormirk, et al., (1998, cit in, Janeiro & Metelo, 2004), que consistia na aplicação do NEO-PI-R a 2676 toxicodependentes aquando da entrada num programa de tratamento, permitiu verificar que estes obtiveram pontuações altas no domínio neuroticismo e baixas nos domínios amabilidade e conscienciosidade, tal como o estudo anterior. Estes sujeitos foram ainda divididos em dois grupos, segundo os resultados obtidos. O primeiro grupo, cujos indivíduos se caracterizam por níveis elevados de neuroticismo, o qual é experimentado como um factor de recaída, que utilizam uma gama de mecanismos de resposta associados à fuga e evitamento, bem como o consumo de substâncias para minorar o sofrimento psicológico e possuem uma baixa expectativa acerca das suas capacidades para lidar com situações de risco. Para estes utentes é recomendado uma abordagem psicoterapêutica centrada quer na gestão das emoções através da oferta de alternativas de resposta aos factores de recaída intra-psíquicos, quer através do reforço da auto-estima. O segundo grupo, menos comum, é constituído por sujeitos com menores pontuações no domínio neuroticismo, pontuações altas na faceta de procura de excitação, boas competências sociais e uma visão optimista do futuro. Estes sujeitos tendem a consumir cocaína e as

situações de risco de recaída encontram-se associadas a acontecimentos externos ou a situações sociais.

Costa e McCrae (1998, cit in, Janeiro & Metelo, 2004), por sua vez, associam uma pontuação alta na faceta impulsividade a uma marcada dificuldade por parte do indivíduo em resistir às tentações. Piedmont (1998, cit in, Janeiro & Metelo, 2004) corrobora a ideia de que as pessoas com uma alta pontuação na faceta impulsividade são, de facto, frequentemente tentadas a responder em função dos seus impulsos, acrescentando ainda que a capacidade de lhes resistir depende da pontuação obtida no domínio conscienciosidade, em particular nas facetas auto-disciplina e deliberação. Segundo o mesmo autor, os sujeitos com comportamentos compulsivos, independentemente da sua natureza, obtiveram pontuações elevadas nas facetas impulsividade e procura de excitação e baixas nas facetas auto-disciplina e/ou deliberação, o que o leva a afirmar que os indivíduos com este padrão de pontuação cedem com maior facilidade às suas tentações e impulsos, por não possuírem disciplina suficiente para controlar a sua impulsividade e a necessidade de procura de excitação.

Em suma, os estudos que utilizam como instrumento de avaliação da personalidade dos toxicodependentes o NEO-PI-R, permitem verificar que:

- a pontuação obtida na dimensão neuroticismo é elevada;
- a pontuação nas dimensões amabilidade e conscienciosidade é baixa em relação à média;
- a impulsividade é elevada, mas a cedência aos impulsos depende da pontuação obtida nas facetas auto-disciplina e deliberação, a qual é baixa para os sujeitos que utilizam substâncias; e,
- pontuação elevada na faceta procura de excitação.

Os estudos levados a cabo por Agra (2008), concluem que se podem inferir, também, algumas diferenças entre os toxicodependentes, os delinquentes e os especialistas da droga e do crime.

Os toxicodependentes definem-se, ao nível do pensamento, por apresentarem um mundo de ideias muito próprio, caracterizado pela desorganização ideativa, que é acompanhada de elevados níveis de

estimulação de tonalidade dolorosa, que poderá estar associada a um profundo estado de angústia e às dificuldades de controlo e tolerância ao stress. A desordem ideativa-afectiva é típica do pensamento toxicomaniaco, que poderá estar na base de uma construção e leitura distorcida do real. A imagem de si e dos outros encontra-se distorcida, no entanto sem se deixar de verificar um adequado relacionamento interpessoal. A relação com o meio é, no geral, pouco consistente, podendo ser orientada quer pelas suas ideias e pensamentos, quer pelos aspectos afectivo-emocionais e exteriores.

Relativamente aos delinquentes, estes apresentam características opostas. Embora os seus recursos cognitivos se revelem baixos com um funcionamento simplista, verifica-se aqui um elevado esforço cognitivo, orientado para a definição de estratégias de resolução dos seus problemas. Têm também uma perspectiva mais realista do mundo que os toxicodependentes. Caracterizam-se pelo fraco investimento nas relações interpessoais, isolando-se socialmente. Assim, a relação com o meio apresenta-se como sendo mais consistente, embora optando por vias mais imediatas, partindo para a acção sem grandes hesitações.

Por fim, nos especialistas da droga e do crime também surgem características específicas. Ao nível da organização do pensamento, temos características como elevada rigidez cognitiva, dificuldades em fazer várias leituras da realidade, tendência para a passividade cognitiva e para a construção fantasista da realidade. Têm maiores dificuldades, que os toxicodependentes ou delinquentes, no domínio afectivo-emocional: estimulação afectivo-ideativa intensa, auto-imagem negativa, pouco interesse pelas relações interpessoais, perda de autonomia e auto-responsabilização, dependência face aos outros. Relativamente à relação com o meio, predomina a inconsistência, a instabilidade, fraco poder sobre si nas várias situações quotidianas. Assim, afastam-se dos toxicodependentes nos aspectos afectivos e interpessoais e afastam-se dos delinquentes nos aspectos perceptivo-cognitivos.

Pode dizer-se que os toxicodependentes são os mais próximos da população em geral, muito menos próximos encontram-se os delinquentes e marcadamente mais afastados temos a formação droga-crime.

Os estudos que são feitos em torno destes dois fenómenos, droga e crime, regem-se por estipular características que definem os toxicodependentes e os delinquentes. Assim, segundo Manita (1997), são poucos os estudos que procuram analisar estes dois factores em conjunto, tentando perceber o que os liga.

De qualquer das formas, se se considerar que os três grupos descritos anteriormente, se inscrevem em três formas de vida desviantes temos: a forma delinquencial, da qual faz parte o delinquente/toxicodependente; a forma toxicomaniaca, na qual se integra o toxicodependente/delinquente; e a forma mista que integra os especialistas ao mesmo tempo em droga e crime.

Esta tentativa de ligar as características que foram descritas com estas três formas de vida desviantes, não permite caracterizar os três grupos (toxicodependentes/delinquentes, delinquentes/toxicodependentes e formação droga-crime), uma vez que as características definidas descrevem apenas o toxicodependente (sem crimes), o delinquente (sem consumo de drogas) e o especialista da droga-crime. Contudo foi a forma mais aproximada que esta investigação encontrou para tentar caracterizar estes três grupos.

1.3. Objectivos

O primeiro objectivo desta investigação passa por tentar perceber se os toxicodependentes se diferenciam da população em geral, ao nível das características de personalidade.

O segundo objectivo pretende integrar os fenómenos da criminalidade e da toxicodependência, procurando estabelecer tipologias entre os toxicodependentes que fazem parte deste estudo. Esta tipologia foi definida com base na idade de iniciação do consumo de substâncias psicoactivas e na idade de iniciação da prática de comportamentos delitivos, independentemente

de estes terem sido, ou não, sujeitos a condenação por parte do sistema de justiça.

O terceiro e último objectivo centra-se na tentativa de perceber, com base nas tipologias estabelecidas, se estas se diferenciam ao nível das características de personalidade.

Com base nestes objectivos, foram enunciadas três hipóteses de estudo:

H1: Os Toxicodependentes apresentam características de personalidade diferenciais da população em geral, designadamente níveis mais elevados de Neuroticismo e níveis mais baixos de Amabilidade e Conscienciosidade.

H2: Existe uma implicação diferencial dos Toxicodependentes na actividade criminal, que permite fazer uma diferenciação de tipologias relacionadas com droga e crime.

H3: Existem diferentes características de personalidade associadas às tipologias da relação droga-crime.

2. Métodos

2.1. Amostra

A amostra escolhida para este estudo compreende 50 toxicodependentes a frequentar um programa de tratamento opiáceo, em regime de ambulatório, na Equipa de Tratamento de Gondomar (CRI Porto Oriental).

Esta amostra é constituída por 82% de participantes do sexo masculino e 18% do sexo feminino. A faixa etária varia entre os 24 anos e os 59 anos de idade ($M=38,66$; $DP=7,62$). No que respeita à zona de residência, 30% dos indivíduos reside em zona urbana, 28% em zona rural, 22% em bairro social e 20% em zona suburbana.

Cerca de 38% vive com os pais, 26% vive sozinho, 14% vive com o/a companheiro(a), 12% vive com familiares próximos e 10% vive com amigos(as). A idade de saída de casa dos pais varia entre os 13 e os 29 anos ($M=18,35$; $DP=4,12$).

Relativamente às habilitações literárias, 32% frequentou o 3º ciclo, 26% o 2º ciclo, 24% o 1º ciclo e 18% o secundário, não havendo nenhum indivíduo com curso superior ou com curso técnico.

A situação profissional dos participantes é a seguinte, 56% encontram-se empregados, 40% desempregados e 4% reformados. O tipo de trabalho pode variar entre a construção civil (56%), o comércio (18%), a indústria hoteleira (16%) ou outros (10%).

2.2. Procedimentos

Primeiramente, o estudo foi devidamente autorizado pela Instituição onde decorreu esta investigação.

A anteceder a administração do questionário, foi feito o contacto pessoal com os sujeitos que colaboraram nesta investigação. Foram explicados os objectivos do trabalho em causa no início da recolha de dados, informando-os

que iriam fazer parte de um estudo que se iria inserir num projecto de Mestrado em Psicologia Forense e da Transgressão, a decorrer no Instituto Superior de Ciências da Saúde – Norte, sobre pessoas com dependência de tóxicos. Foi pedido aos participantes para responderem com rigor, seriedade e sinceridade às questões, uma vez que era completamente assegurado o anonimato e confidencialidade dos dados.

Posteriormente, a análise e transformação dos dados recolhidos foi realizada no SPSS 16_ for Windows.

2.3.- Instrumentos

Foi utilizado o Questionário sobre o consumo de substâncias, comportamentos de risco e actividade criminal¹ (Quintas, Silva & Matias, 2009).

Este questionário encontra-se dividido em sete partes:

Parte I: Identificação (idade; sexo; zona habitacional; habilitações literárias; percurso laboral; situação conjugal; situação militar).

Parte II: Programas de tratamento (qual o tipo de tratamento; tempo de tratamento; dose diária).

Parte III: Consumo de substâncias (tipo de substâncias consumidas; idade do primeiros consumo; consumos ao longo da vida; consumos nos últimos 12 meses; formas de aquisição de drogas; contextos de consumo habituais).

Parte IV: Comportamentos de risco.

¹ Este questionário foi construído para analisar o consumo de substâncias, os comportamentos de risco e a actividade criminal. No entanto, neste trabalho, apenas se incidiu sobre o consumo de substâncias e a actividade criminal, uma vez que os restantes dados foram alvo de análise em outra investigação. Encontra-se em Anexo I.

Parte V: Comportamentos relacionados com o álcool com base no AUDIT (Alcohol Use Disorders Identificatio Test), no CAGE (Cute, Annoyed, Guilty, Eyer) e IDTS (Inventory drug-taking situatios – Alcohol).

Parte VI: História de comportamentos desviantes: tipo de comportamento desviante, idade da primeira vez que foi praticado, prática desses comportamentos ao longo da vida e no último ano; a actividade criminal esteve relacionada com os consumos, foi praticada sob o efeito de drogas ou porque se encontrava envolvido no “mundo” do tráfico de drogas; circunstâncias habituais da ocorrência do delito (sozinho ou em grupo); ocorrências jurídico-penais (internamentos em instituições de menores, condenações e porque crimes).

Por fim, foi aplicado um instrumento que avalia as características de personalidade, o NEO-PI-R (Inventário de Personalidade NEO Revisto)² (Lima & Simões, 2000).

Esta escala passa, então, por uma avaliação ao nível das estruturas-traços e operacionaliza a organização desses traços de personalidade em torno de cinco grandes domínios gerais e seis facetas específicas para cada um desses domínios:

1 – **Neuroticismo** (N), que avalia essencialmente as formas de reacção emocional dos indivíduos, a sua estabilidade/instabilidade e tem como facetas: Ansiedade, Hostilidade, Depressão, Auto-consciência, Impulsividade e Vulnerabilidade;

2 – **Extroversão** (E), que a avalia o relacionamento com os outros, a quantidade e intensidade desses relacionamentos e tem como facetas: Acolhimento Caloroso, Gregaridade, Assertividade, Actividade, Procura de Excitação e Emoções Positivas;

² Anexo II.

3 – **Abertura à Experiência (O)**, que avalia o seu grau de abertura e de procura proactiva das experiências, das suas significações, da curiosidade intelectual e tem como facetas: Fantasia, Estética, Sentimentos, Acções, Ideias e Valores;

4 – **Amabilidade (A)**, que avalia a qualidade do relacionamento interpessoal, que pode ir desde a competitividade à empatia e tem como facetas: Confiança, Rectidão, Altruísmo, Complacência, Modéstia e Sensibilidade;

5 – **Conscienciosidade (C)**, que avalia o nível de persistência, organização e motivação nos comportamentos orientados para um determinado objectivo e tem como facetas: Competência, Ordem, Obediência ao Dever, Esforço de Realização, Auto-disciplina e Deliberação.

Aos sujeitos foi solicitado que classificassem cada afirmação, utilizando para tal uma escala de Likert de 5 pontos (que variam entre discordo fortemente e concordo fortemente).

3. Resultados

3.1. Descrição dos consumos e tratamentos

A tabela 1 reporta-se à descrição do consumo dos vários tipos de substâncias, fazendo referência à média de idades do primeiro consumo de cada substância e ao consumo ao longo da vida e nos últimos doze meses.

Tabela 1: História de consumos

<u>Tipo de substância</u>	Idade do primeiro consumo Média ± DP	Consumo ao longo da vida (% de sujeitos)		Consumo no último ano (% de sujeitos)	
		Sim	Não	Sim	Não
Heroína	16,68 ± 3,223	100%	--	44%	56%
Cocaína	18,05 ± 3,132	86%	14%	50%	50%
Haxixe	13,52 ± 1,993	54%	46%	26%	74%
Anfetaminas/Speed	14,75 ± 2,630	8%	92%	4%	96%
Ecstasy/MDMA	26,83 ± 10,666	12%	88%	2%	98%
LSD/Ácido	20,14 ± 4,562	14%	86%	4%	96%
Tabaco	14,20 ± 2,745	40%	60%	36%	64%
Álcool	16,68 ± 3,394	76%	24%	76%	24%

A média de idades do primeiro consumo de heroína é de 16,68. A totalidade da amostra refere que manteve os consumos ao longo da vida, sendo que metade (50%) consumiu no último ano.

Os primeiros consumos de cocaína ocorrem, em média, por volta dos 18 anos. 86% revela ter consumido ao longo da vida e 50% revela ter consumido no último ano.

A idade média dos primeiros consumos de haxixe é de 13,52. 54% consumiu ao longo da vida e 26% dos participantes indicam ter realizado consumos no último ano.

Somente 8% consumiu anfetaminas ao longo da vida e, no último ano, 4% dos inquiridos. A média de idade dos primeiros consumos é de 14,75.

O consumo de ecstasy foi feito ao longo da vida por 12% dos participantes, sendo que apenas 2% consumiu no último ano. Estes consumos são feitos mais tardiamente, com uma média de idade de 26,83.

O contacto com LSD, ao longo da vida, por 14% e no último ano por 4% dos indivíduos estudados. A idade média do primeiro consumo é aos 20 anos.

Os primeiros cigarros são experimentados, em média, aos 14 anos. 40% refere ter fumado ao longo da vida e 36% no último ano.

Por fim, a média de idade dos primeiros consumos de álcool é de 16,68 anos. 76% afirma ter bebido ao longo da vida e a mesma percentagem (76%) ao longo do último ano.

Sendo os participantes consumidores cuja droga principal é a heroína, todos estão inseridos num programa de tratamento adequado à sua dependência. A tabela 2 mostra a distribuição dos participantes pelos diferentes tratamentos, o tempo médio de duração de cada tratamento e a respectiva dose diária média.

Tabela 2: Tipo de tratamento

Tipo de tratamento	% de sujeitos	Tempo de tratamento Média ± DP	Dose diária Média ± DP
Metadona	30%	5,40±3,94	57,13±26,71
Buprenorfina	64%	4,19±3,64	4,33±3,05
Antagonistas opiáceos	6%	2,33±2,31	6,00±3,46
Total	100%		

Conforme se pode observar, a maioria dos indivíduos (64%) estão inseridos num programa de tratamento com buprenorfina. O tempo do tratamento é, em média, de 4 anos e a dose diária corresponde, aproximadamente, a 4 mg.

Cerca de 30% dos inquiridos, encontra-se num programa de tratamento com metadona, onde a média aproximada de tratamento se situa entre os 5 anos e a média da dose diária é de cerca de 57 mg.

Por fim, e em menor número, 6% dos sujeitos seguem um programa de tratamento com antagonistas opiáceos. O tempo de tratamento é de, mais ou menos, 2 anos e a dose é de 6 mg/dia.

3.2. *Actividade criminal*

Dos cinquenta indivíduos que fizeram parte deste estudo, 40, ou seja 80% referem ter praticado crimes e 20% refere não ter praticado.

Na tabela 3 pode-se observar a discriminação dos vários tipos de crimes praticados.

Tabela 3: História criminal

Tipo de comportamento	Idade do 1º acto	Ao longo da vida (% de sujeitos)		Último ano (% de sujeitos)		Sozinho (% de sujeitos)	Em grupo (% de sujeitos)
		Sim	Não	Sim	Não		
Roubo/Furto	18,61±7,946	56%	44%	14%	86%	56%	--
Tráfico de droga	18,29±4,573	42%	58%	14%	86%	30%	12%
Receptação	22	2%	--		2%		2%
Agressão	16,88±1,500	30%	70%	16%	84%	8%	24%
Fraude	19	2%	--	2%	--	2%	--

Assim, pode constatar-se que o crime com maior prevalência é o roubo/furto, sendo cometido por 56% dos indivíduos. A idade média do primeiro roubo/furto é de 18,61, sendo que 56% cometeram este crime ao longo da vida e 14% cometeu, também, no último ano. Relativamente às circunstâncias da prática do crime, todos os sujeitos que o praticaram, fizeram-no sozinho (56%).

O segundo crime mais cometido é o tráfico de droga com uma percentagem de 42%. 18,26 é a média de idade do primeiro acto. Cerca de 42% praticou este crime ao longo da vida e 14% praticou-o, também, no último ano. Ao contrário do roubo/furto, o tráfico de droga é praticado sozinho (30%) e em grupo (12%).

A agressão surge como o terceiro crime mais cometido, cerca de 32%. A idade média das primeiras agressões é de 16,88, sendo que 30% cometeu agressão ao longo da vida e 16% também praticou durante o último ano. A agressão é mais praticada em grupo (24%), do que sozinho (8%).

Temos, ainda, um indivíduo (2%) que praticou receptação aos 22 anos e em grupo e outro (2%) que praticou fraude aos 19 anos e sozinho.

Assim, quatro em cada cinco indivíduos já praticou algum tipo de crime.

Um outro indicador utilizado foi o da condenação a pena de prisão para tentar perceber quantos dos sujeitos que referiram ter praticado crimes, foram realmente condenados pela prática desses mesmos crimes. A tabela 4 da conta dos sujeitos que foram condenados.

Tabela 4: Condenações a pena de prisão.

Já foi condenado alguma vez?	% sujeitos	N
Sim	34%	17
Não	66%	33
Total	100%	50

Assim, 33 dos sujeitos que participaram neste estudo nunca foram condenados e 17 referem ter sido já condenados a pena de prisão.

Neste seguimento, importa saber porque crimes é que 17 sujeitos inquiridos foram condenados.

Verifica-se, então que, ao contrário do que a tabela 3 indica, o crime sobre o qual houve mais condenações é o tráfico de droga sendo que foi praticado por 10 indivíduos, seguido pelo roubo/furto praticado por 10 sujeitos da amostra e, por fim, pela receptação, praticada por um dos participantes. Houve também um indivíduo que foi condenado pelos crimes de tráfico de droga, roubo/furto e agressão.

É de evidenciar que cerca de um terço da amostra já foi condenado a pena de prisão.

3.3. Tipologia

Com base no estudo de Agra e Matos (1997), também o presente trabalho tentou subdividir a sua amostra, desta vez, em 4 grupos: o grupo I, dos Delinquentes-Toxicodependentes (D-T), o grupo II, dos especialistas Droga-Crime (esp. D-C), o grupo III, dos Toxicodependentes-Delinquentes (T-D) e o grupo IV, dos Toxicodependentes s/crimes (T s/crimes).

Contudo, não foi através de uma análise exaustiva das biografias dos sujeitos em estudo, que se chegou a esta tipologia, mas sim, apenas através dos consumos e da actividade criminal, ou seja, relacionou-se a idade do primeiro consumo de uma substância psicoactiva e a idade do primeiro acto delituoso, independentemente de este ser condenado ou não. Deixa-se, portanto, bem claro que esta é uma tentativa, já por si só, redutora, estabelecendo um simples paralelismo entre os dois fenómenos.

Assim, a tabela 5 dá conta da percentagem de indivíduos em cada um dos quatro grupos.

Tabela 5: Tipologia

Tipologia	% de sujeitos
I- Delinquentes/Toxicodependentes	22%
II- Especialista da droga-crime	36%
III- Toxicodependentes/Delinquentes	22%
IV- Toxicodependentes s/ crimes	20%
Total	100%

Pode observar-se que o grupo com mais percentagem de sujeitos desta amostra corresponde ao dos Especialistas da droga-crime (36%). O grupo dos Delinquentes/Toxicodependentes e dos Toxicodependentes/Delinquentes apresentam a mesma percentagem de prevalência (22%). Por fim, o grupo dos Toxicodependentes s/ crimes, embora por uma pequena margem, é o grupo com menos percentagem de sujeitos (20%).

3.4. Características de personalidade

A tabela 6 dá conta da diferenciação ao nível das características de personalidade entre os toxicodependentes e a população em geral.

Tabela 6: Características de personalidade.

Facetas NEO-PI-R	Amostra	Dados Normativos (Lima & Simões, 2000)	T	gl	P
	Média±DP	Média±DP			
N:Neuroticismo	100,83±11,14	90,1±18,4	6,17	40	0,000*
N1: Ansiedade	16,22±2,90	17,6±4,4	3,05	40	0,004
N2: Hostilidade	14,41±2,79	14,0±4,3	0,95	40	0,347
N3: Depressão	19,41±3,82	15,1±4,7	7,23	40	0,000*
N4: Auto-consciência	17,15±2,87	15,5±4,3	3,68	40	0,001*
N5: Impulsividade	18,27±3,88	16,1±3,8	3,58	40	0,001*
N6: Vulnerabilidade	15,37±3,67	11,8±4,3	6,23	40	0,000*
E: Extroversão	102,76±8,68	107,7±15,8	6,74	40	0,000*
E1: Acolhimento Caloroso	19,46±3,43	21,5±3,9	3,80	40	0,000*
E2: Gregariedade	15,27±4,32	16,6±5,0	3,16	40	0,003
E3: Assertividade	14,63±4,19	14,9±4,1	0,71	40	0,482
E4: Actividade	18,02±3,31	17,1±3,3	2,57	40	0,014
E5: Procura de Excitação	18,07±3,30	19,0±4,4	5,67	40	0,000*
E6: Emoções positivas	17,29±4,64	18,4±4,2	3,59	40	0,001*
O: Abertura à Experiência	101,29±8,94	107,7±18,5	4,59	40	0,000*
O1: Fantasia	17,54±3,58	17,1±4,7	0,78	40	0,439
O2: Estética	17,15±4,51	19,3±5,0	3,15	40	0,004
O3: Sentimentos	17,41±3,05	19,6±3,9	4,59	40	0,000*
O4: Acções	15,76±3,16	16,0±3,7	0,49	40	0,624
O5: Ideia	16,05±4,92	17,9±5,4	2,41	40	0,021
O6: Valores	17,39±3,64	17,6±3,5	0,37	40	0,714

*resultado significativo

Facetas NEO-PI-R	Amostra	Dados Normativos (Lima & Simões, 2000)	T	gl	P
	Média±DP	Média±DP			
A: Amabilidade	104,51±14,94	116,6±16,2	5,18	40	0,000*
A1: Confiança	15,73±3,44	18,4±4,4	4,97	40	0,000*
A2: Rectidão	16,27±3,30	18,3±4,2	3,94	40	0,000*
A3: Altruísmo	19,49±3,56	21,3±3,7	3,26	40	0,002
A4: Complacência	16,17±3,68	18,2±4,1	3,53	40	0,001*
A5: Modéstia	18,34±3,76	19,2±4,3	1,46	40	0,151
A6: Sensibilidade	18,51±4,24	20,9±3,4	3,60	40	0,001*
C: Conscienciosidade	103,41±9,93	118,6±19,1	9,79	40	0,000*
C1: Competência	17,95±3,22	20,3±3,6	4,66	40	0,000*
C2: Ordem	15,66±4,44	18,4±4,6	3,96	40	0,000*
C3: Obediência ao dever	18,19±3,01	22,3±4,2	8,73	40	0,000*
C4: Realização	18,12±2,71	20,1±4,1	4,67	40	0,000*
C5: Auto-Disciplina	17,76±3,13	19,2±4,4	2,95	40	0,005
C6: Deliberação	15,73±4,87	18,2±4,7	3,24	40	0,002

*resultado significativo

Segundo os resultados obtidos, observa-se a existência de diferenças estatisticamente significativas nos níveis de Neuroticismo (N) entre os toxicodependentes e a população em geral, sendo que os toxicodependentes apresentam valores médios mais elevados de Neuroticismo. Esta elevação deve-se às facetas Depressão, Auto-Consciência, Impulsividade e Vulnerabilidade.

Esta amostra também se caracteriza por níveis baixos no domínio Extroversão (E), o que significa que os toxicodependentes têm tendência a serem menos extrovertidos que a população em geral. Tal facto deve-se às facetas Acolhimento Caloroso, Procura de Excitação e Emoções Positivas.

A tabela 6 diz-nos, também, que existem diferenças significativas entre os toxicodependentes e a população em geral ao nível do domínio Abertura à Experiência (O). O que a tabela indica é que os toxicodependentes apresentam resultados mais baixos neste domínio. Esta constatação pode ser explicada

através da faceta Sentimentos, onde existem, também, diferenças significativas entre os toxicodependentes e a população em geral.

Quanto ao domínio Amabilidade (A), observam-se diferenças significativas, o que indica que existem diferenças nos níveis de amabilidade entre os toxicodependentes e a população em geral, sendo que os toxicodependentes apresentam níveis mais baixos neste domínio. Isto poderá ser explicado pelas facetas Confiança, Rectidão, Complacência e Sensibilidade.

Por fim, para o domínio Conscienciosidade, que os toxicodependentes têm tendência a obter pontuações mais baixas neste domínio. As pontuações obtidas nas facetas Competência, Ordem, Obediência ao Dever e Realização explicam esta diferença significativa.

Em suma, os sujeitos desta amostra são caracterizados por níveis significativos mais elevados de Neuroticismo e mais baixos de Extroversão, de Abertura à Experiência, de Amabilidade e de Conscienciosidade.

3.5. Características de personalidade diferenciais.

Para além de este estudo proceder a uma divisão da amostra em quatro grupos, também foi testada a existência, ou não, de características diferenciais entre os quatro grupos de indivíduos.

Na tabela 7, são então descritos os níveis de significância entre os grupos nos cinco domínios avaliados pelo NEO-PI R e respectivas facetas.

Tabela 7: Características de personalidade diferenciais

Facetas NEO-PI-R	D/T (Rank Médio)	Esp. D e C (Rank Médio)	T/D (Rank Médio)	T s/ crimes (Rank Médio)	H	gl	P
N: Neuroticismo	20,23	26,53	28,82	25,80	2,11	3	0,55
N1: Ansiedade	17,77	29,53	29,91	21,90	6,17	3	0,10
N2: Hostilidade	24,91	29,14	23,00	22,35	1,96	3	0,58
N3: Depressão	23,45	23,97	25,09	30,95	1,85	3	0,60
N4: Auto-Consciência	19,95	25,11	27,18	30,45	2,96	3	0,40
N5: Impulsividade	20,45	23,14	29,73	30,65	3,99	3	0,26
N6: Vulnerabilidade	19,77	28,50	27,32	24,40	2,73	3	0,44
E: Extroversão	24,55	24,42	21,86	32,50	3,15	3	0,37
E1: Acolhimento Caloroso	26,23	26,00	22,23	27,40	0,78	3	0,85
E2: Gregariedade	34,14	20,56	28,18	21,95	6,96	3	0,07
E3: Assertividade	23,14	24,58	25,82	29,40	1,10	3	0,78
E4: Actividade	25,05	27,22	20,91	27,95	1,66	3	0,65
E5: Procura Excitação	26,82	24,83	27,18	23,40	0,49	3	0,92
E6: Emoções positivas	20,68	23,50	23,09	37,05	8,20	3	0,04*
O: Abertura à Experiência	26,86	22,17	27,41	27,90	1,50	3	0,68
O1: Fantasia	22,05	20,89	26,91	36,05	7,86	3	0,05*
O2: Estética	26,18	21,19	36,32	20,60	8,83	3	0,03*
O3: Sentimentos	26,27	27,06	22,50	25,15	0,72	3	0,87
O4: Acções	28,91	30,94	16,05	22,35	8,31	3	0,04*
O5: Ideia	31,05	22,67	25,05	25,00	2,32	3	0,51
O6: Valores	24,50	23,78	23,45	31,95	2,60	3	0,46
A: Amabilidade	22,23	29,11	25,95	22,10	2,22	3	0,53
A1: Confiança	26,95	23,78	30,50	21,50	2,45	3	0,49
A2: Rectidão	28,73	29,31	24,36	16,35	5,93	3	0,12
A3: Altruísmo	20,77	30,08	25,82	22,10	3,54	3	0,32
A4: Complacência	20,36	31,06	24,77	21,95	4,66	3	0,20
A5: Modéstia	20,91	25,58	28,82	26,75	1,75	3	0,63
A6: Sensibilidade	27,64	26,36	24,23	23,00	0,68	3	0,88

*resultado significativo

Facetas NEO-PI-R	D/T (Rank Médio)	Esp. D e C (Rank Médio)	T/D (Rank Médio)	T s/ crimes (Rank Médio)	H	gl	P
C: Conscienciosidade	27,45	25,58	25,91	22,75	0,57	3	0,90
C1: Competência	24,64	24,78	30,27	22,50	1,71	3	0,63
C2: Ordem	25,68	24,83	26,32	25,60	0,08	3	0,99
C3: Obediência ao dever	30,00	24,83	25,45	21,80	1,75	3	0,63
C4: Realização	24,82	26,58	26,23	23,50	0,35	3	0,95
C5: Auto-Disciplina	20,23	27,78	26,05	26,60	1,99	3	0,57
C6: Deliberação	32,41	23,00	26,00	21,85	3,67	3	0,30

*resultado significativo

Constata-se, então, que não se verificam diferenças significativas, ao nível das características de personalidade, entre os grupos, em nenhum dos domínios em geral. Contudo, são encontradas algumas diferenças em determinadas facetas.

Assim, segundo os resultados obtidos, observam-se diferenças entre grupos na faceta Emoções Positivas, pertencente ao domínio Extroversão. O grupo que possui o Rank Médio mais elevado é o grupo dos Toxicodependentes s/crimes.

No domínio Abertura à Experiência existem valores significativos em três das suas facetas. São elas, a Fantasia ($p=0,05$), a Estética ($p=0,03$) e as Acções ($p=0,04$).

Na faceta fantasia, o grupo que possui o Rank Médio mais elevado é, mais uma vez, o grupo dos Toxicodependentes s/crimes.

Quanto à faceta estética, é no grupo dos Toxicodependentes/Delinquentes que incide o Rank Médio mais elevado.

Por fim, relativamente à faceta Acções, quem obteve resultados mais significativos foi grupo dos Especialistas da Droga e do Crime.

4. Discussão

4.1. Actividade criminal e tipologias

Os estudos levados a cabo por Agra e Matos (1997) fizeram a diferenciação das tipologias em três grupos (grupo I, dos Delinquentes-Toxicodependentes, o grupo II, dos especialistas Droga-Crime e o grupo III, dos Toxicodependentes-Delinquentes). O grupo maioritário deste estudo foi o grupo I, dos delinquentes-toxicodependentes. O estudo presente, como já foi referido anteriormente, fez a distinção de mais um grupo, o dos Toxicodependentes s/crimes. A explicação para a existência de mais um grupo advém do facto de esta amostra ter sido retirada da Equipa de Tratamento de Gondomar assim, todos eles eram consumidores de drogas, ao contrário da amostra que foi analisada nos estudos de Agra e Matos (1997), onde todos eles eram indivíduos reclusos, ou seja, todos cometeram crimes, independentemente de serem, ou não, consumidores de drogas.

Assim, o estudo presente teve a necessidade de criar mais um grupo, o grupo dos toxicodependentes s/crimes, uma vez que nem todas as pessoas que estão dependentes, têm tendência a praticar crimes para financiar a droga. Pelo contrário, arranjam estratégias que lhes permitam “sobreviver”, regulando os seus consumos de acordo com os seus próprios recursos, recorrendo a benefícios sociais, penhorando bens ou cortando em algumas despesas, como é o caso da alimentação (Carpentier, 2007). O grupo maioritário deste estudo foi o grupo II, dos especialistas da droga-crime.

É de salientar que, uma vez que esta amostra não foi retirada de uma instância prisional, ainda assim existe uma grande percentagem de pessoas desta amostra que praticou crimes. Este facto permite confirmar a existência de diferentes grupos de toxicodependentes.

Foi, então, a elevada taxa de criminalidade verificada nesta população toxicodependente, que tornou possível confirmar a existência dessas tipologias.

4.2. Características de personalidade

Suportando-nos nos resultados descritos anteriormente, é possível dizer que os toxicodependentes que fazem parte desta amostra, possuem níveis médios mais elevados de Neuroticismo. Este domínio procura avaliar, por um lado, a adaptação emocional e, por outro, a instabilidade emocional. Constatase, aqui, que os toxicodependentes podem ser considerados mais instáveis emocionalmente.

São, claramente, mais depressivos, caracterizados por sentimentos de culpa, por serem pessoas mais tristes, abatidas, melancólicas, sozinhas e com pouca esperança.

São mais auto-conscientes. Esta auto-consciência relaciona-se com as emoções de vergonha. São, portanto, sujeitos que se sentem pouco à vontade com os outros e com as situações em geral. São mais envergonhados e tímidos.

Os toxicodependentes também têm tendência a serem mais impulsivos. Isto pode ser demonstrado pela dificuldade que estes indivíduos apresentam em controlar e em resistir às tentações. Os desejos são percebidos como sendo tão fortes, que o sujeito não lhes consegue resistir.

São, claramente, mais vulneráveis que a população em geral. São indivíduos que se enervam mais facilmente, sendo incapazes de lidar com a tensão.

Relativamente ao domínio Extroversão, constata-se que os sujeitos estudados são mais introvertidos e reservados.

O acolhimento caloroso, que é uma das facetas deste domínio, refere-se às questões da intimidade interpessoal. Os sujeitos se, por um lado, se caracterizam por serem mais tímidos, por outro, isso não é indicativo de apresentarem dificuldades em estabelecer relações, possuindo, até, uma capacidade razoável de criar relações mais estreitas.

São também sujeitos com níveis médios mais baixos na faceta procura de excitação. Já um estudo levado a cabo por Piedmont (1998, cit in, Janeiro & Metelo, 2004) sugere que sujeitos com comportamentos compulsivos,

independentemente da sua natureza, obtiveram pontuações elevadas nas facetas impulsividade, que vão de encontro aos resultados obtidos no estudo presente, e procura de excitação, que não vão de encontro com os resultados que se obtiveram. Consideraram, então, que os sujeitos com este padrão de pontuação, cedem com maior facilidade às suas tentações e impulsos, por não possuírem disciplina suficiente para controlar a sua impulsividade e a necessidade de procura de excitação. Uma explicação possível para tentar compreender a diferença de resultados entre os outros estudos e o estudo corrente prende-se com o facto de a amostra ser constituída por um número reduzido de sujeitos ou, simplesmente, se poderá considerar esta diferença por ela existir efectivamente.

Os resultados também sugerem que esta amostra apresenta níveis mais baixos de Abertura à Experiência. Isto pode ser explicado pelo facto de este domínio estar relacionado com a predição de mudanças na vida dos sujeitos, sendo que os toxicodependentes são pessoas menos abertas à mudança, poderá mesmo dizer-se que são mais limitados nas suas gamas de interesse. Encontraram-se, ainda, resultados mais baixos na faceta Sentimentos, o que indica que os toxicodependentes desta amostra são mais limitados emocionalmente, atribuindo pouca importância aos estados emocionais.

O domínio Amabilidade refere-se à qualidade das orientações interpessoais. Assim, os toxicodependentes em estudo tendem a ter níveis médios mais baixos neste domínio. São, portanto, mais desconfiados, com tendência a serem cínicos e cépticos e a suspeitar que os outros são desonestos e perigosos.

Segundo os resultados, são indivíduos calculistas, utilizando muitas vezes a manipulação. Não mostram os seus sentimentos e escondem, a maior parte das vezes, a verdade.

São sujeitos caracterizados por serem pouco tolerantes, mais agressivos e contestatários.

Podem ser considerados sujeitos menos sensíveis, não se deixando comover facilmente.

Relativamente ao domínio Conscienciosidade, pode-se afirmar que esta amostra é constituída por indivíduos menos conscientes que a população em geral. São menos obstinados na prossecução dos seus objectivos. Segundo McCrae & Costa (1992, cit in, Lima & Simões, 2000), a Conscienciosidade está negativamente correlacionada com a procura impulsiva e não socializada de sensações que está, por sua vez, associada a comportamentos desinibidos, criminalidade, sexualidade e uso e abuso de drogas.

Assim, são menos competentes, possuindo uma fraca opinião acerca das suas capacidades e aptidões considerando-se, muitas vezes, incapazes. São também menos ordeiros e metódicos, com dificuldades em se organizar.

A Obediência ao Dever é uma das características que não faz parte do seu perfil, uma vez que têm dificuldade no cumprimento das suas obrigações, podendo até mesmo dizer-se que são irresponsáveis. São indivíduos com baixos níveis de realização, com falta de ambição e motivação.

Em suma, os indivíduos que participaram neste estudo apresentam níveis médios mais elevados no domínio Neuroticismo e níveis médios mais baixos nos domínios Extroversão, Abertura à Experiência, Amabilidade e Conscienciosidade.

Ora, os estudos feitos neste sentido sugerem que existe um perfil de personalidade característico dos toxicodependentes, que se descreve por elevados níveis de Neuroticismos e baixos níveis de Amabilidade e Conscienciosidade.

4.3. Características de personalidade diferenciais

Não se verificaram diferenças ao nível de cada uma dos domínios que o NEO-PI-R avalia. No entanto, observaram-se pequenas diferenças em algumas facetas dos domínios Extroversão e Abertura à Experiência.

Referente ao domínio Extroversão temos a faceta emoções positivas que está relacionada, de um modo geral, com a satisfação com a vida. Assim, pode dizer-se que o grupo IV, dos toxicodependentes s/crimes, são

eventualmente mais alegres e espirituosos e possuem, portanto, níveis mais elevados de adaptação e de satisfação com a vida.

É no domínio Abertura à Experiência que se verifica o maior número de diferenças, mais precisamente nas facetas fantasia, estética e acções.

A faceta fantasia está relacionada com a imaginação e com a capacidade de a evocar. Também aqui os toxicodependentes s/crimes são os que apresentam uma capacidade de imaginar mais elevada. Esta capacidade surge, não apenas para “fugir” da realidade que os assiste, mas também para criar para si um mundo interior mais interessante e mais criativo.

A faceta estética está relacionada com a arte e com a beleza. Assim, aqui, é o grupo III, dos toxicodependentes/delinquentes quem mais valoriza o bom gosto e a experiência estética.

A faceta acções refere-se à necessidade de procura de novidade e variedade. Assim, o grupo II, dos especialistas da droga-crime tem uma maior tendência para a busca de novas actividades, para frequentar novos lugares. Esta faceta poderá estar implicada com o desenvolvimento do potencial intelectual.

5. Conclusão

Através da análise dos dados obtidos nesta investigação, chegou-se à conclusão de que a Hipótese 1 se confirma, ou seja, os Toxicodependentes apresentam características de personalidade diferenciais da população em geral, designadamente níveis mais elevados de Neuroticismo e níveis mais baixos de Amabilidade e Conscienciosidade. Fica, assim, patente a ideia de que existem diferenças nos níveis de determinadas características que definem a personalidade de um indivíduo.

Também foi possível proceder-se à distinção entre quatro grupos, sendo eles o grupo I, dos Delinquentes-Toxicodependentes, o grupo II, dos especialistas Droga-Crime, o grupo III, dos Toxicodependentes-Delinquentes e o grupo IV, dos Toxicodependentes s/crimes. Assim, a Hipótese 2 também se confirma, isto é, existe uma implicação diferencial dos Toxicodependentes na actividade criminal, que permite fazer uma diferenciação de tipologias relacionadas com droga e crime.

É importante referir, novamente, que as tipologias a que chegou o estudo de Agra e Matos (1997), foram elaboradas com base na análise das biografias dos sujeitos da sua amostra. Assim, o estudo presente não recorreu à análise das biografias. Estas tipologias foram conseguidas através das idades de início, quer da prática de comportamentos delinquentes, sejam eles sujeitos ou não a condenação, quer do consumo de drogas. Assim, esta será uma forma muito reduzida de tentar reproduzir as tipologias a que chegaram o estudo de Agra e Matos (1997). No entanto, foi a forma mais aproximada que o estudo presente utilizou para proceder à divisão da amostra nessas mesmas tipologias.

Por fim, puderam-se verificar diferenças, embora mínimas, em algumas características de personalidade. No entanto, poder-se-á dizer que a hipótese 3, de um modo geral, não se verificou, uma vez que só se observaram diferenças em quatro facetas, mas não nos cinco domínios.

Uma das limitações deste estudo passa pelo número reduzido de sujeitos que fizeram parte desta amostra. Teria sido interessante aumentar o número de participantes para produzir resultados mais significativos, que permitissem caracterizar perfis de personalidade distintos, não tanto ao nível das características de personalidade que distinguem os toxicodependentes da população em geral, mas mais ao nível de características que pudessem definir perfis diferenciais entre os quatro grupos.

Uma inovação conseguida com este estudo, embora com representações muito reduzidas, prende-se com o facto de que a maioria das investigações que tenta explicar a relação droga e crime, utilizam sujeitos que se encontram em contextos prisionais. Já no estudo presente, a amostra era constituída por toxicodependentes, todos eles em contexto de tratamento em ambulatório.

Como estudo futuro, seria importante aprofundar as investigações mais ao nível da personalidade na tentativa de estabelecer, se efectivamente existirem, perfis de personalidade distintos, que se encontrem bem definidos e sustentados, como forma de poder agir, a um nível mais terapêutico, sobre essas mesmas características diferenciais e poder diminuir os níveis, quer de dependência a uma substância psicoactiva, quer de criminalidade.

6. Bibliografia

- ✓ Agra, C. (1997). *Droga / Crime: Estudos interdisciplinares*. 1º Volume: A experiência Portuguesa: Programa de estudos e resultados. Lisboa: Gabinete de Planeamento e Coordenação do Combate à Droga – Ministério da Justiça.
- ✓ Agra, C. & Matos, A. P. (1997). *Droga/Crime: Estudos interdisciplinares*. 11º Volume: *Trajectórias desviantes*. Lisboa: Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga – Ministério da Justiça.
- ✓ Agra, C. (2008). *“Entre Droga e Crime: Actores, Espaços, Trajectórias.”* 2ª edição. Lisboa: Casa das letras.
- ✓ Brochu, S. (1995). *Drogue & Criminalité. Une Relation Complexe*. Montréal: Presses de L’Université de Montréal.
- ✓ Carpentier, C. (2007). *“Drogas em Destaque”*. Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência. Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.
- ✓ Hutz, C. et al. (1998). *“O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes factores”*. 11º Volume. Porto Alegre.
- ✓ Janeiro, L. & Metelo, T., (2004). *“Contribuições para a descrição do perfil de personalidade dos utentes do CAT – Sotavento/Olhão”*. *Toxicodependências*, 10 (1), 25 – 35.
- ✓ Lima, M. P. & Simões, A. (2000). *“NEO PI-R: Manual Profissional.”* Lisboa: CEGOC.
- ✓ MacCoun, R., Kilmer, B., Reuter, P., (2003). *“Research on Drugs-Crime Linkages: The Next Generation”*. Special Report.